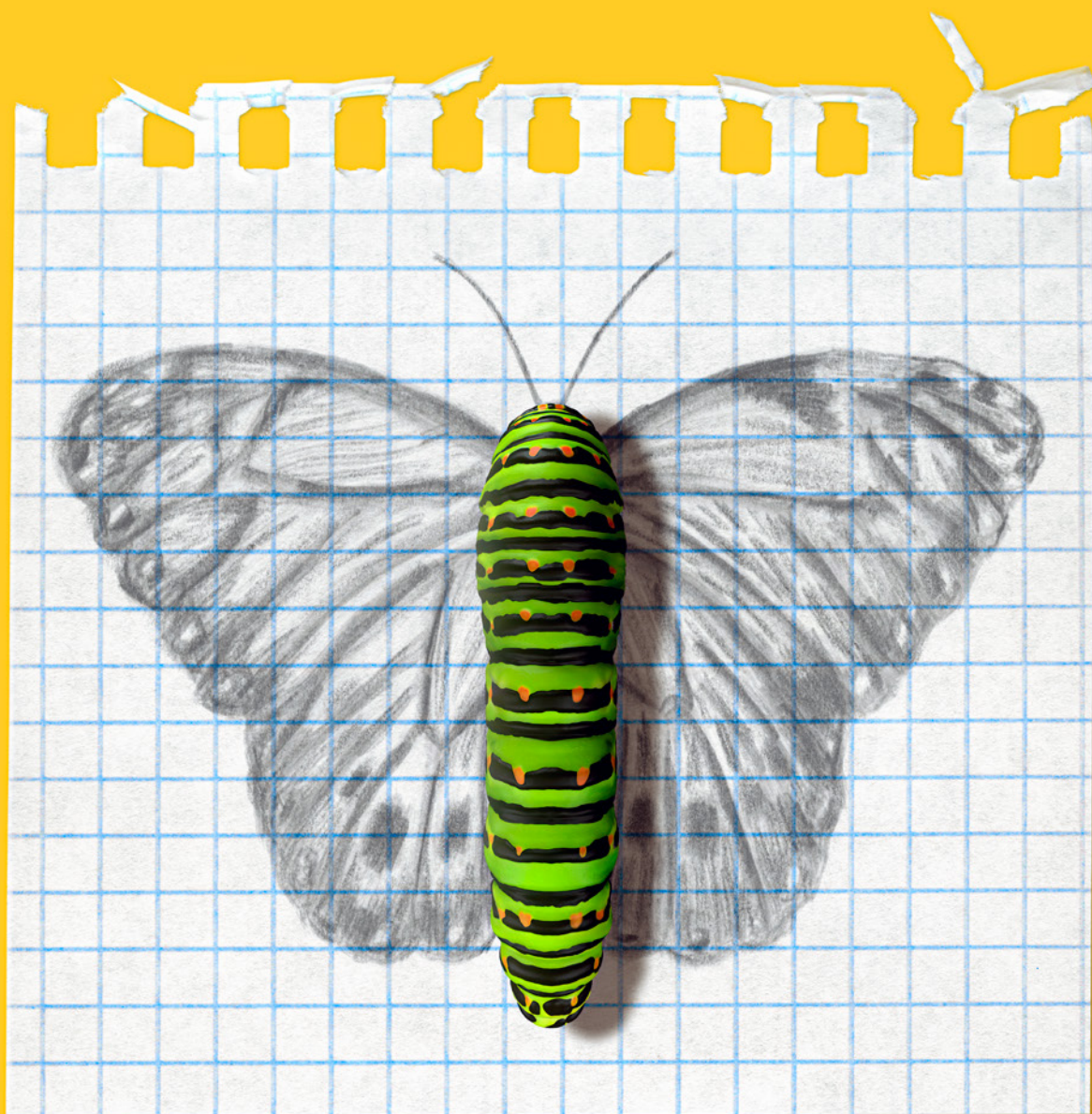
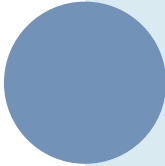


Espanha e Portugal

Jovens, oportunidades e futuros





Sumário

3 Editorial

4 Barómetro. Indicadores de contexto geral

5 Barómetro. Indicadores sobre a juventude

10 Artigo. A educação e o seu impacto nas oportunidades dos jovens, por Lígia Ferro e Pedro Abrantes

16 Artigo. As reformas laborais reduziram o trabalho temporário nos trabalhadores jovens?, por Alejandro Godino, Óscar Molina e Fátima Suleman

22 Artigo. As relações pessoais dos jovens com o seu entorno, por Joan M. Verd, Mireia Bolívar, Joan Rodríguez-Soler e Rita Gouveia

30 Entrevista. Robert Pogue Harrison: «Pela primeira vez vivemos numa cultura em que os jovens são aqueles que educam os seus avós de muitas maneiras»

35 Recensão. A natureza como espelho e professora através do diário de um jovem ativista, por Cecília Duran

38 Boas práticas. Work4Progress da Fundação "la Caixa"

**O Observatório Social
da Fundação "la Caixa"**

Fundação "la Caixa"
Plaza de Weyler, 3
07001 Palma – Espanha

DL: B 28894-2015

Comissariado de conteúdos: Mònica Badia Ibáñez

Edição: Eulàlia Torras Oliveras

Tradução e correção: Ana Sofia Correia e Julia Pedro

Desenho da capa: Estudio Javier Jaén

Desenho gráfico e paginação: Tramatica S.L.

A Fundação "la Caixa" não se identifica necessariamente com a opinião dos autores desta publicação.

Futuros abertos para os jovens de Espanha e Portugal

A juventude é um período crucial na vida. A experiência e as decisões tomadas durante estes anos serão essenciais para trajetórias futuras. No entanto, para além das escolhas pessoais, cada geração de jovens enfrenta circunstâncias histórico-sociais distintas. No caso dos jovens de hoje, eles cresceram num mundo globalizado e totalmente digital que gerou novas oportunidades de lazer, possibilidades de acesso à informação e formas de contacto social. Por outro lado, são também filhos da grande crise de 2008, cujas implicações em termos de precariedade no mercado de trabalho ainda persistem, e viveram o grande choque das restrições ligadas à pandemia de 2020.

As consequências destes acontecimentos moldam a situação atual dos jovens, o seu bem-estar e expectativas de desenvolvimento. Mas o contexto também importa. Então, os jovens em Espanha e em Portugal enfrentam desafios como a participação e desempenho no sistema educativo, a entrada no mercado de trabalho ou a emancipação da casa de família, desafios que de certa forma contrastam com os enfrentados pelos seus pares noutros países europeus.

Essas circunstâncias têm impacto nas condições de vida e na natureza dos agregados familiares que os jovens formarão no futuro. A compreensão da situação e dos desafios que enfrentam permitirá conceber políticas eficazes que fomentem projetos de vida com sentido e, assim, não só facilitar o bem-estar presente e futuro dos jovens de hoje, mas também, graças às ligações intergeracionais inerentes, contribuir para o bem-estar geral.

O Dossier que apresentamos tem por objetivo divulgar resultados de estudos e pontos para reflexão. Inclui uma série de indicadores e dados que oferecem uma visão ampla e, ao mesmo tempo, profunda da situação dos jovens espanhóis e portugueses numa perspetiva europeia comparada.

Indicadores de contexto geral

Visão global e temporal da situação de Espanha e Portugal no contexto europeu

Diederik Boertien, Investigador do Centre d'Estudis Demogràfics (CED-CERCA)

Nível de desenvolvimento económico até 2022

Produto interno bruto (PIB) por habitante em paridades de poder de compra Espanha, Portugal e UE-27 (=100)

85

Espanha

77

Portugal

100

UE-27

Fonte: Eurostat, 2023.

O volume do PIB per capita em paridades de poder de compra é expresso em relação à média da UE-27, que assume o valor de 100. Se o índice de um país for superior a 100, o nível do PIB per capita nesse país é superior ao valor médio da UE-27 e vice-versa.

Pessoas em risco de pobreza ou exclusão social em 2022

Indicador AROPE do risco de pobreza ou exclusão social Espanha, Portugal e UE-27

26,0%

Espanha

20,1%

Portugal

21,6%

UE-27

Fonte: Eurostat, 2023.

O indicador AROPE é utilizado para identificar a percentagem de pessoas em risco de pobreza ou exclusão social. Este grupo inclui pessoas que vivem em agregados familiares com rendimentos muito baixos, com privação material grave ou exclusão social, ou com uma intensidade de trabalho remunerado muito baixa.

Taxa de desemprego em agosto de 2023

11,4%

Espanha

6,0%

Portugal

5,9%

UE-27

Fonte: Eurostat, 2023.

A taxa de desemprego indica a percentagem de pessoas que estão desempregadas em relação ao número total de pessoas que estão disponíveis para trabalhar.

Rendimento médio anual dos agregados familiares ajustado pelo número de membros, 2022

16.814

Espanha

11.014

Portugal

19.083

UE-27

Fonte: Eurostat, 2023.

O rendimento dos agregados familiares é calculado a partir da soma dos rendimentos de todos os membros do agregado familiar. Este valor é ajustado ao número de membros do agregado familiar através de uma fórmula que tem em conta os membros que partilham habitualmente as despesas (por exemplo, a renda).

As reformas laborais reduziram o trabalho temporário nos trabalhadores jovens?

Alejandro Godino e **Óscar Molina**, Centre d'Estudis Sociològics sobre la Vida Quotidiana
i el Treball (QUIT), Universitat Autònoma de Barcelona;
Fátima Suleman, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Dinâmia'CET



Espanha e Portugal registaram nas últimas décadas elevados níveis de trabalho temporário, com efeitos negativos a longo prazo na trajetória profissional e percurso de vida das pessoas. Em resposta a este problema, foram implementadas reformas para reduzir o emprego temporário em ambos os países. Os resultados mostram que, após a sua aprovação, se observa uma diminuição da interinidade na população jovem em ambos os países (ligeira no caso de Portugal e muito acentuada em Espanha), sem impacto negativo aparente nas taxas de desemprego ou de atividade.



O mercado de trabalho espanhol tem-se caracterizado desde 1970 por elevados níveis de desemprego. Num esforço para fazer fase a este problema na década de 80 foram implementadas medidas de flexibilidade, nomeadamente com o recurso à contratação a prazo. Estas reformas originaram um modelo de emprego muito sujeito às flutuações económicas e muito segmentado, com certos grupos sociais a enfrentar uma maior incerteza no mercado de trabalho (Bernardi e Martínez-Pastor, 2010). Mais concretamente, a crescente dicotomia entre trabalhadores efetivos e temporários, em termos de estabilidade e proteção social, veio acrescentar ao mercado de trabalho espanhol uma outra característica de desigualdade intergeracional.

O mercado de trabalho português tem desde o início da década de 1980 revelado padrões semelhantes em termos de políticas orientadas para o mercado e de extensão da flexibilidade contratual. Argumenta-se frequentemente que estas reformas laborais em Portugal foram parciais, na medida em que os trabalhadores permanentes não foram afetados, ao passo que o trabalho flexível serviu como uma variável de ajustamento com reduzida ou mesmo nenhuma proteção social. Esta situação teve consequências semelhantes às de Espanha, com um mercado de trabalho segmentado em que a desvalorização do trabalho e a desigualdade social e económica entre trabalhadores permanentes e temporários está a aumentar (Campos Lima e Caldas, 2023).

Os trabalhadores mais jovens, bem como outros grupos sociais (por exemplo, imigrantes,

mulheres e trabalhadores pouco qualificados), têm estado no centro desta flexibilização e do crescimento do emprego temporário em ambos os países. Tanto a Espanha como Portugal foram duramente atingidos pela recessão económica de 2008, tornando-se, juntamente com a Grécia, os países europeus que sofreram os efeitos mais graves em termos de emprego, sendo os jovens trabalhadores com empregos temporários os mais penalizados pela destruição de postos de traba-

Para grande parte das pessoas que entraram no mercado de trabalho durante a grande recessão, a crise da covid-19 agravou as cicatrizes já abertas durante o choque económico anterior

lho e pela falta de oportunidades de emprego. A situação agravou-se em Espanha após a reforma laboral de 2012, a qual tornou o despedimento mais barato, ao passo que em Portugal estes contratos temporários funcionaram como uma almofada para ajudar as empresas a fazer face às flutuações da procura, contribuindo para o aumento do desemprego jovem.

Para grande parte das pessoas que entraram no mercado de trabalho durante a grande recessão, a crise da covid-19 agravou as cicatrizes já

abertas durante o choque económico anterior. Com o impacto da pandemia, a Espanha assistiu a um aumento de 5% na taxa de desemprego e a uma redução de cerca de 4-5% na taxa de atividade, enquanto a que o trabalho temporário diminuiu devido à paralisação económica que abrandou a renovação ou a criação de contratos temporários (gráficos 1 e 3). Em consequência, o choque econó-

tendo, porém, frequentemente efeitos permanentes na sua trajetória profissional. Por isso, o efeito combinado das duas crises sobre as trajetórias profissionais dos jovens foi enorme, não só para os jovens que começaram a trabalhar, mas também para os jovens com menos de 30 anos que já tinham sofrido os efeitos da grande crise económica (Molina e Godino, 2021; Almeida e Santos, 2020).

A pequena dimensão das empresas e a elevada expressão do sector dos serviços, juntamente com uma cultura empresarial de normalização do recurso a contratos temporários, podem estar na origem da elevada rotatividade e da baixa conversão de temporários em efetivos em Espanha e Portugal

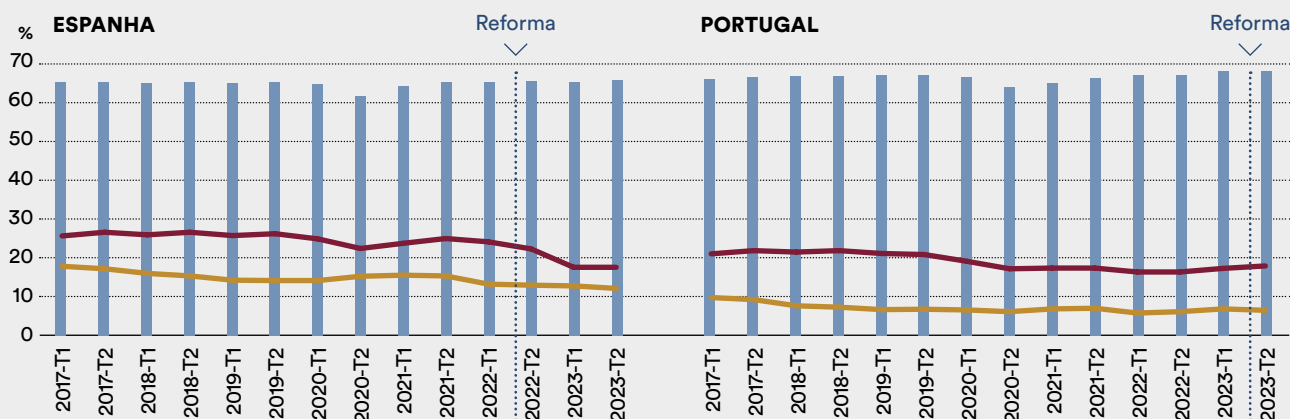
mico de março de 2020 expulsou uma parte significativa dos trabalhadores temporários do mercado de trabalho, enquanto muitos dos desempregados à procura de emprego desistiram por falta de oportunidades. Tratou-se de uma situação semelhante à que foi vivida pelos jovens durante a grande crise económica, embora se tenha prolongado por mais anos neste último caso. A sucessão de períodos de desemprego seguidos de períodos prolongados de interinidade não pode ser considerada apenas como uma interrupção na carreira dos jovens,

A implementação de reformas laborais contra a interinidade em Espanha e Portugal

A elevada taxa de emprego temporário em Espanha e Portugal não se deve apenas à importância de sectores com uma forte componente sazonal, como o turismo, mas também a um padrão estrutural, uma vez que ambos os países apresentam uma taxa de interinidade superior em todos os sectores económicos comparativamente com a UE. A pequena dimensão das empresas e a elevada expressão do sector dos serviços, juntamente

Gráfico 1

Evolução trimestral de taxa de atividade, taxa de desemprego e o rácio de empregados em trabalho temporário relativamente à população total em Espanha e Portugal para o período 2017-2023



O trabalho temporário diminuiu a partir da reforma laboral sem afetar o emprego em Espanha, ao passo que em Portugal não parece ter efeito imediato

● Emprego ● Trabalho temporário ● Desemprego

Fonte: Inquérito Europeu às Forças de Trabalho (LFS, Labour Force Survey), Eurostat (2023).

com uma cultura empresarial de normalização do recurso a contratos temporários, podem estar na origem da elevada rotatividade e da baixa conversão de temporários em efetivos em ambos os países (Silva, Martins e Lopes, 2018). Estas tendências contribuíram para a configuração de mercados de trabalho profundamente desiguais, colocando a população mais jovem numa posição particularmente vulnerável. Algumas abordagens consideram esta instabilidade como um aspeto determinante das trajetórias laborais dos jovens desses tempos, assumindo-a como um fenómeno temporário que vai desaparecendo gradualmente. No entanto, a realidade demonstra que em certos grupos as trajetórias precárias e intermitentes se consolidam desde muito cedo, mesmo com a cristalização de itinerários laborais instáveis.

Este uso sistemático do trabalho temporário foi uma das principais razões para a reforma laboral do governo espanhol em dezembro de 2021. A lei pretendia reduzir a precariedade através da eliminação dos contratos de empreitada e de prestação de serviços, da redução da duração máxima dos contratos temporários para um ano, da limitação dos possíveis motivos para a sua utilização e da extensão dos contratos sem termo descontinuados para o trabalho sazonal. Em abril de 2023, o governo português aprovou também a Agenda para o Trabalho Digno com o objetivo

de reduzir, embora com medidas mais ténues, o recurso a contratos temporários, limitando a possibilidade de sucessão de contratos, aumentando a indemnização por cessação de contratos a termo e reduzindo a duração máxima dos contratos temporários de seis para quatro anos.

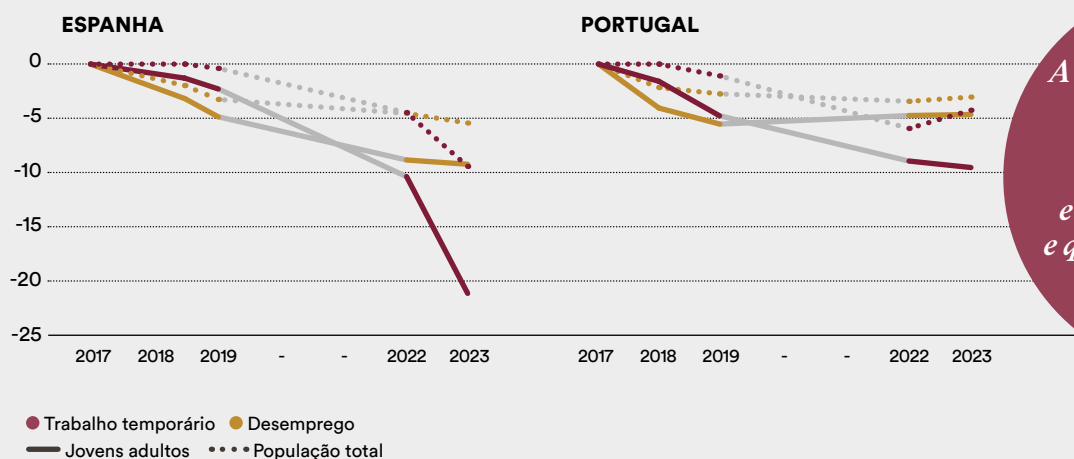
A reforma laboral pode ter contribuído para reduzir a curto prazo o trabalho temporário juvenil em Espanha, mas não em Portugal

Embora uma análise mais exaustiva obrigue a considerar a evolução a longo prazo, a curto prazo podemos observar alguns indícios do possível efeito da aprovação de ambas as reformas laborais em ambos os países. Neste contexto, exploramos a evolução da taxa de atividade, a taxa de desemprego e o rácio de trabalhadores com contratos temporários em relação ao número total de trabalhadores, tanto na população jovem como na população total. Nesta análise, omitimos os dados relativos a 2020 e 2021, atendendo ao efeito de agravamento dos níveis de emprego estável e temporário na sequência da crise pandémica, ainda mais nas economias do sul da Europa, caracterizadas por uma elevada prevalência de atividades sazonais.

No caso de Espanha, embora a reforma laboral tenha sido aprovada em dezembro de 2021, só entrou plenamente em vigor em abril de 2022, pelo que a análise se centra no segundo trimestre

Gráfico 2

Variação da percentagem de postos de trabalho temporários e da taxa de desemprego da população total e dos jovens (15-29 anos), relativamente a 2017



A redução do trabalho temporário jovem desde a reforma laboral é muito evidente em Espanha e quase impercetível em Portugal

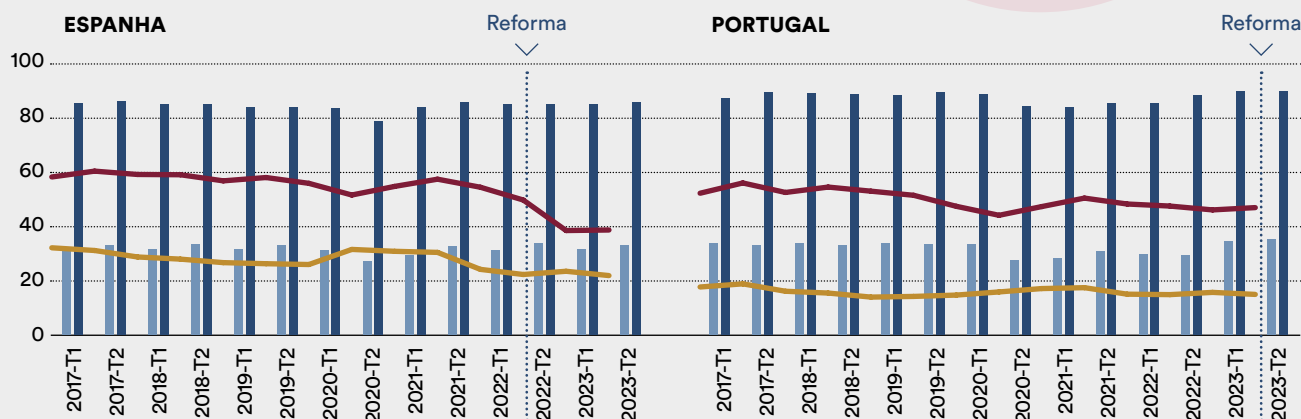
Obs.: compara-se o segundo trimestre de cada período, tendo como ponto de partida o segundo trimestre de 2017 com um valor inicial de 0. Os anos 2020 e 2021 não foram considerados devido ao efeito destrutivo da crise sanitária no trabalho temporário.

Fonte: Inquérito Europeu às Forças de Trabalho (LFS, Labour Force Survey), Eurostat (2023).

de cada ano. Portanto, os dados mostram uma redução no emprego temporário de 4,5% em 2022 e um aumento de 9,5% em 2023 em comparação com o segundo trimestre de 2017 para o conjunto da população empregada (gráfico 2). Esta situação ocorreu ao mesmo tempo que se verificou uma redução da taxa de desemprego, enquanto a taxa de atividade se manteve relativamente estável (gráfico 1), afastando as primeiras interpretações que apontavam para uma expulsão das pessoas do mercado de trabalho. Estes efeitos parecem particularmente evidentes no caso da população jovem: a redução do emprego temporário é de 10,4% em 2022 e de 21,2% em 2023, sendo que o desemprego diminuiu cerca de 9% em ambos os períodos (gráfico 1) e a taxa de atividade mantém-se estável (gráfico 3). Por conseguinte, em relação a 2019, a redução do emprego temporário entre os jovens espanhóis foi superior a 8% no curto prazo após a aprovação da reforma e quase 19% mais de um ano após a sua implementação. Estas percentagens são quase o dobro das observadas na população em geral.

Embora disponhamos apenas de alguns meses para avaliar o seu impacto, a tendência para a redução do trabalho temporário é menos evidente no caso de Portugal. Assim sendo, os possíveis efeitos que podemos observar a partir destes dados devem ser interpretados com cautela. A primeira coisa que se destaca é uma redução significativa do trabalho temporário (embora menor do que em Espanha) no período pós-pandemia (-6% no segundo trimestre de 2022 e -4,3% no segundo trimestre de 2023 comparativamente ao mesmo período de 2017). Curiosamente, no entanto, esta redução é maior em 2022 do que depois de a Agenda do Trabalho Digno ser aprovada em abril de 2023 (gráfico 2). Tal como no caso de Espanha, estas reduções ocorrem paralelamente a menores diminuições da taxa de desemprego, enquanto a população ativa parece até estar a aumentar (gráfico 1). Uma possível explicação seria a mais lenta recuperação económica em Portugal após a crise da COVID, arrastando consigo o efeito combinado anteriormente

Gráfico 3
Evolução trimestral de taxa de atividade, taxa de desemprego e o rácio de empregados em trabalho temporário relativamente à população total em Espanha e Portugal para o período 2017-2023



Obs.: o Eurostat não dispõe de dados sobre a taxa de atividade integrada para o grupo etário dos 15-29 anos, pelo que este indicador está representado em duas faixas de jovens.

Fonte: Inquérito Europeu às Forças de Trabalho (LFS, Labour Force Survey), Eurostat (2023).

O trabalho temporário jovem diminuiu significativamente após a reforma laboral em Espanha, sem impacto no nível de emprego, ao passo que em Portugal não se regista qualquer efeito positivo no emprego

mencionado, segundo o qual os trabalhadores efetivos representariam uma maior percentagem de trabalhadores do que noutros períodos, dada a expulsão dos trabalhadores temporários do mercado de trabalho. A maior taxa de atividade em 2023 comparativamente a 2022 aponta nesse sentido. Em relação aos jovens, parece clara uma diminuição da proporção de pessoas contratadas temporariamente no período pós-aprovação da reforma laboral em relação aos períodos anteriores: praticamente inexistente em relação a 2022 e mais evidente em relação ao período pré-pandemia, ocorrendo em conjunto com quedas na taxa de desemprego e aumentos na taxa de atividade (gráfico 3). Contudo, esta redução do trabalho temporário não chega a 1% para a população jovem no trimestre em que a reforma foi aprovada (abril-junho de 2023) em relação ao ano anterior.

Conclusões e limitações

Segundo os dados descritivos observados, é possível afirmar que a aprovação de ambas as reformas apenas conduziu a uma diminuição do trabalho temporário na população jovem em Espanha, sem aparente destruição de postos de trabalho. É precisamente a reforma laboral espanhola que contém medidas mais estruturais destinadas a alterar as práticas empresariais em matéria de interinidade. Já Portugal, que implementou uma reforma mais branda para desencorajar o recurso ao trabalho temporário, praticamente não apresenta resultados na redução do trabalho temporário entre os jovens. As medidas são semelhantes às que foram aprovadas em fases anteriores em Espanha, com resultados igualmente fracos, o que nos leva a pensar que só as iniciativas institucionais que visem alterar as regras do jogo no mercado de trabalho poderão melhorar substancialmente as condições de vida dos jovens trabalhadores.

Vale a pena questionarmos se a redução do emprego temporário em Espanha está a afetar de forma generalizada os trabalhadores mais jovens ou se, pelo contrário, existe um efeito diferencial. Por outras palavras, se estas reformas estão, de facto, a ter um menor impacto precisamente nos perfis estruturalmente situados na base do mercado de trabalho que são afetados de forma sistemática por uma maior interinidade. Por conseguinte, é necessário estar atento a possíveis riscos que possam distorcer os benefícios alcançados com a reforma, como o aumento do trabalho involuntário a tempo parcial entre jovens trabalhadores.

Referências

- Almeida, F. e J.D. Santos (2020): The effects of COVID-19 on job security and unemployment in Portugal, *International Journal of Sociology and Social Policy*, 40(9/10). [<https://doi.org/10.1108/IJSSP-07-2020-0291>]
- Bernardi, F. e J.I. Martínez-Pastor (2010): Falling at the bottom: Unskilled jobs at entry in the labor market in Spain over time and in a comparative perspective, *International Journal of Comparative Sociology*, 51(4). [<https://doi.org/10.1177/0020715210368841>]
- Campos Lima, M.P. e J.M.C. Caldas (2023): A desvalorização interna, a austeridade neoliberal e os efeitos cumulativos na desvalorização do trabalho, in Campos Lima, M.P. e J.M.C. Caldas (coords.) *A Persistência da Desvalorização do Trabalho e a Urgência da sua Revalorização*, Lisboa, Almedina.
- Molina, O. e A. Godino (2021): Scars that Never Heal: Dualisation and Youth Employment Policies in Spain from the Great Recession to the Corona Crisis, *Sociologia del lavoro*, 159. [<https://doi.org/10.3280/sl2021-159006>]
- Silva, M., L.F. Martins e H. Lopes (2018): Asymmetric labor market reforms: Effects on wage growth and conversion probability of fixed-term contracts, *Industrial and Labor Relations Review*, 71(3). [<https://doi.org/10.1177/0019793917737506>]

As relações pessoais dos jovens com o seu entorno

Joan M. Verd, Mireia Bolívar e Joan Rodríguez-Soler, Centre d'Estudis Sociològics sobre la Vida Quotidiana i el Treball, Universitat Autònoma de Barcelona;
Rita Gouveia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa



A população jovem dos países do sul da Europa, incluindo Espanha e Portugal, tem tradicionalmente uma forte rede de relações pessoais, baseada num elevado nível de sociabilidade e num papel muito importante da rede familiar. Este artigo utiliza dados da décima ronda do Inquérito Social Europeu (2020-2022) para analisar em que medida a sociabilidade dos jovens (18-34 anos) nestes dois países se assemelha ou não aos restantes países da União Europeia (UE).



A importância das relações pessoais para o estudo do isolamento social dos jovens

O isolamento social e a solidão indesejada têm sido situações tradicionalmente associadas às pessoas idosas. No entanto, os jovens também se encontram entre os grupos etários mais afetados por estas situações. Foi só com a recente pandemia de COVID-19 que, por razões óbvias, o problema do isolamento social entre os jovens se tornou uma preocupação social e transbordou para a esfera pública. Na verdade, o fenómeno já era uma preocupação antes da pandemia e, naturalmente, também não desapareceu com ela.

A evolução das sociedades ocidentais nas últimas décadas tem sido fortemente marcada pela individualização das relações e pelo enfraquecimento dos laços comunitários. A digitalização da sociedade, bem como certas atividades que já não se realizam em espaços públicos e de livre acesso (por exemplo, o lazer), conduziram a uma privatização e mercantilização de muitas esferas da vida social, o que levou a mudanças profundas na sociabilidade dos jovens. Neste contexto, a sociabilidade é entendida como a capacidade e a possibilidade de as pessoas se relacionarem umas com as outras. É moldada pelas características socioeconómicas e socio-demográficas individuais, mas também pelo ambiente que rodeia as pessoas.

A sociabilidade é fundamental no desenvolvimento da trajetória de vida dos jovens, tanto pelas suas relações com os amigos como pelo apoio material e emocional que recebem da sua rede de relações. Esta rede de relações pessoais pode ser definida como *capital social* e é composta tanto por pessoas que são afetivamente próximas (família e amigos) como por aquelas que são afetivamente mais distantes (colegas de trabalho

A digitalização da sociedade conduziram a uma privatização e mercantilização de muitas esferas da vida social

ou de estudo). Há todo um conjunto de características sociais e de fatores estruturais que reduzem a possibilidade de dispor de um capital social variado e extenso entre a população jovem. Em primeiro lugar, uma origem operária ou imigrante produz redes mais pequenas e mais homogêneas entre os jovens. Do mesmo modo, a instabilidade laboral e as situações recorrentes

de desemprego conduzem a uma perda significativa de contactos. Em relação ao género, o capital social das pessoas jovens também reproduz os padrões observados para a população em geral: as mulheres têm uma rede menos extensa, com menor diversidade social, mas com laços mais fortes, o que se traduz em níveis mais elevados de intimidade e apoio nas relações.

Os países do Sul da Europa, como Espanha e Portugal, têm sido frequentemente descritos como *familistas*, no sentido em que a rede familiar é uma fonte de recursos mais importante do que noutros países ocidentais. Nestes países, a rede familiar compensaria a fraca provisão de assistência social do Estado e forneceria os recursos que não são oferecidos de forma institucionalizada pelo Estado. Além disso, as relações entre os jovens e os seus pais tendem a ser mais intensas e frequentes, muitas vezes porque a vida na casa da família é muito mais longa do que noutros países, na ausência de alternativas financeiramente acessíveis que tornem possível a emancipação. Os jovens recorrem à família e

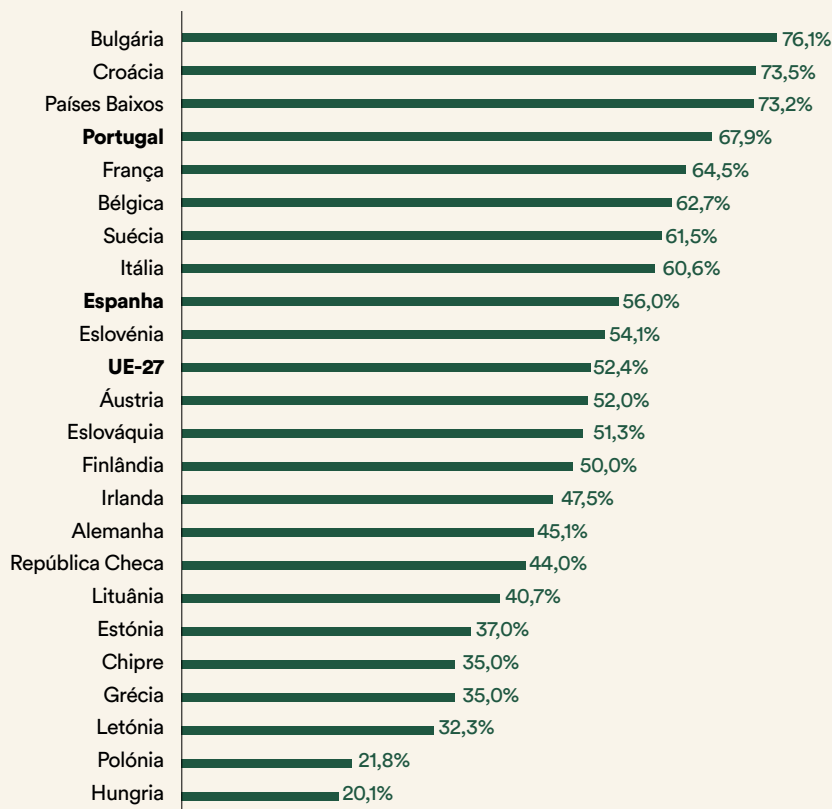
aos contactos pessoais como fontes de apoio, na ausência de fontes formais e institucionalizadas de fornecimento de recursos. Nestes países, uma má relação pessoal com os pais ou um contexto familiar desfavorecido (em que a família não é

*Uma má relação pessoal
com os pais ou um contexto
familiar desfavorecido podem
aprofundar as desigualdades
sociais à partida*

capaz de fornecer os recursos que o Estado não fornece) podem aprofundar as desigualdades sociais à partida. Assim, estas circunstâncias desfavoráveis podem aprofundar situações de isolamento social, o que, por sua vez, influencia

Gráfico 1
**Proporção de jovens
que se encontram com
amigos, familiares ou
colegas de trabalho
várias vezes por semana
ou todos os dias no seu
tempo livre, 2020**

*Os jovens em Portugal
interagem mais no seu
tempo livre com amigos,
família ou colegas de
trabalho do que em
Espanha*



Fonte: elaboração própria com base no Inquérito Social Europeu de 2020.

negativamente o bem-estar material e emocional dos jovens.

O objetivo deste artigo é, em primeiro lugar, fazer uma análise comparativa dos padrões de sociabilidade em geral e ao nível da família, a fim de situar a realidade de Espanha e Portugal no contexto europeu. Em segundo lugar, exploram-se as desigualdades existentes nos padrões de sociabilidade da população jovem espanhola e portuguesa, segundo o perfil social e a situação económica e laboral. Para tal, analisamos dados sobre a frequência de interação, a dimensão das redes e a força dos laços com os pais de jovens europeus com idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos (medida pela frequência de interação e pela proximidade afetiva). Os dados provêm do Inquérito Social Europeu, na sua décima ronda, e foram recolhidos entre setembro de 2020 e maio de 2022, dependendo do país – especificamente, entre janeiro e maio de 2022 em Espanha ($n=486$) e entre agosto de 2021 e março de 2022 em Portugal ($n=297$). Os dados relativos à União Europeia (UE) no seu conjunto ($n=10\,036$) incluem todos os países da UE-27, exceto Dinamarca, Luxemburgo, Malta e Roménia.

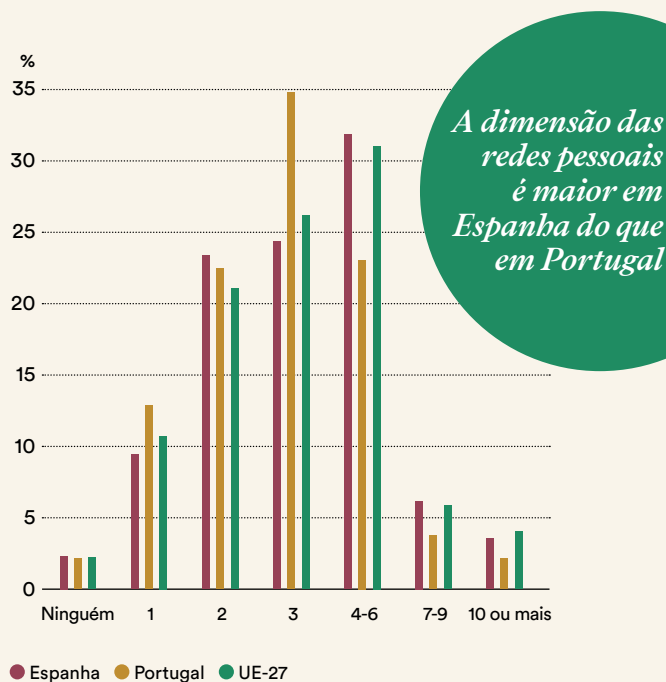
Com que frequência é que os jovens interagem nos seus tempos livres?

Quando se comparam os valores máximos de interação (encontrar-se, pelo menos, várias vezes por semana com amigos, familiares ou colegas de trabalho), observam-se diferenças significativas por país no caso dos jovens (gráfico 1). Na União Europeia, em média, 52,4% encontram-se com amigos, familiares ou colegas de trabalho todos os dias ou várias vezes por semana no seu tempo livre. Espanha ultrapassa ligeiramente esta percentagem, enquanto Portugal é um dos países onde a frequência de interação é muito mais elevada (superior a 65%), sendo apenas ultrapassado pelos Países Baixos, Croácia e Bulgária.

Com quantas pessoas pode falar sobre assuntos íntimos e pessoais?

Apesar da maior frequência de interação dos jovens em Portugal, a dimensão das suas redes pessoais é menor do que em Espanha e no conjunto da União Europeia (gráfico 2). Quando se trata de falar de assuntos íntimos e pessoais,

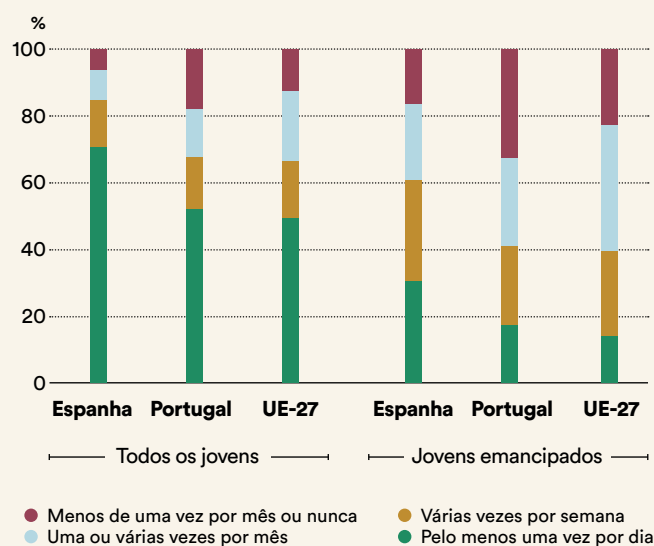
Gráfico 2
Distribuição dos jovens em Espanha, Portugal e no conjunto da União Europeia de acordo com o número de pessoas com quem podem falar sobre assuntos íntimos e pessoais, 2020



Fonte: elaboração própria com base no Inquérito Social Europeu de 2020.

A dimensão das redes pessoais é maior em Espanha do que em Portugal

Gráfico 3
Distribuição dos jovens em Espanha, Portugal e no conjunto da União Europeia, de acordo com a frequência com que falam pessoalmente com os pais, para todos os jovens e para os que não vivem no mesmo agregado familiar que os pais, 2020



Fonte: elaboração própria com base no Inquérito Social Europeu de 2020.

a dimensão mais frequente das redes dos jovens em Portugal é de 3 pessoas (34,4%). Em contrapartida, em Espanha é de 4-6 pessoas (30,7%), uma percentagem muito semelhante à média europeia. Assim, apesar de os jovens em Portugal interagirem com mais frequência (com amigos, familiares ou colegas de trabalho), em Espanha observa-se que este grupo tem um maior número de relações ou laços fortes, que são os que normalmente dão mais apoio, especialmente de natureza emocional.

Com que frequência é que os jovens falam com as suas famílias?

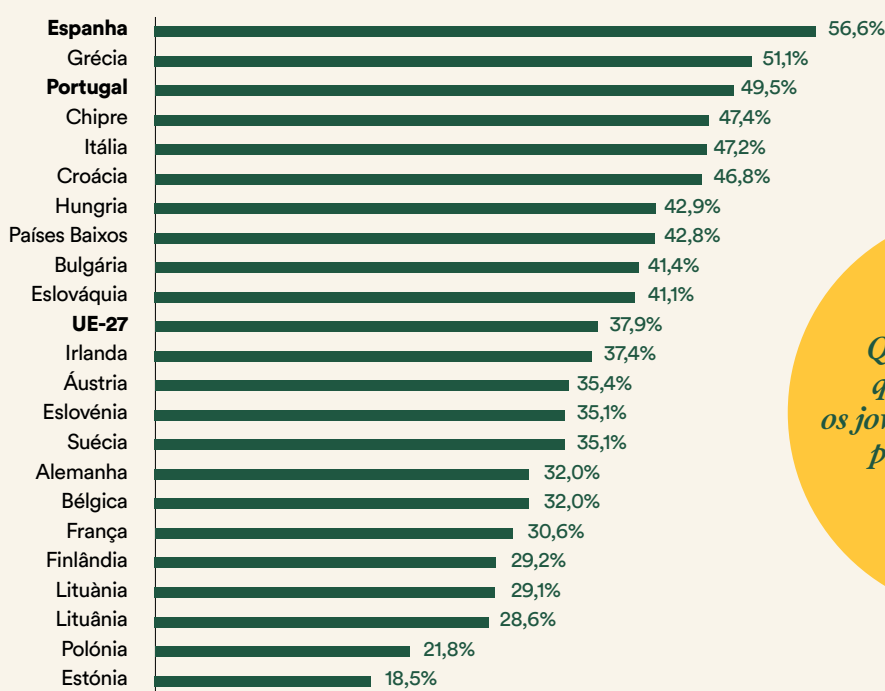
Embora tanto Portugal como Espanha sejam considerados países *familistas*, é em Espanha que a intensidade das relações intergeracionais é mais forte (gráfico 3). Quando os jovens são questionados sobre a frequência com que falam pessoalmente com os pais, esta é mais elevada em Espanha do que em Portugal. Ambos os países ultrapassam a frequência registada no conjunto

da União Europeia, embora os valores de Portugal estejam próximos da média. Verifica-se, portanto, que em Espanha o peso da família é muito relevante. Enquanto 49,2% dos jovens da União Europeia no seu conjunto e 51,9% em Portugal

A frequência do contacto com os pais em Espanha e em Portugal é superior à média do conjunto da União Europeia

interagem com os pais, pelo menos, uma vez por dia, 70,6% dos jovens em Espanha fazem-no. Este facto pode dever-se em grande parte à idade tardia de emancipação dos jovens espanhóis. Enquanto no conjunto da União Europeia

Gráfico 4
Proporção de jovens que afirmam sentir-se “totalmente” próximos dos pais em termos de afeto, por país, 2020



Quer em Portugal quer em Espanha os jovens se sentem muito próximos dos pais

Fonte: elaboração própria com base no Inquérito Social Europeu de 2020.

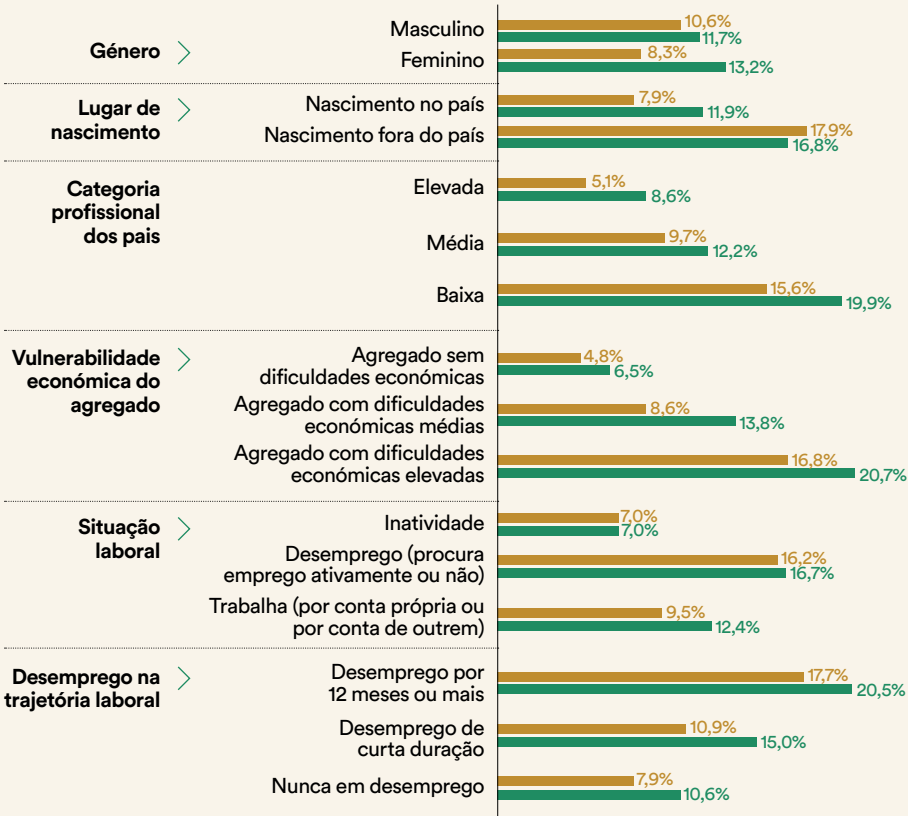
os jovens se emancipam, em média, aos 26,4 anos, em Portugal fazem-no aos 29,7 anos e em Espanha aos 30,3 anos (segundo dados do Eurostat, 2022). Em todo o caso, a tendência para uma maior frequência de interação entre os pais e os jovens espanhóis também se mantém se nos centrarmos nos jovens que não vivem em casa dos pais.

A proximidade afetiva dos jovens com os pais
Espanha é o país com maior proximidade afetiva aos pais. Em termos comparativos, a proporção de jovens que referem sentir-se extremamente próximos dos pais é a mais elevada da União Europeia (56,6%), com Portugal em terceiro lugar (49,5%), atrás da Grécia (gráfico 4). Os lugares seguintes são ocupados por Chipre e Itália. Estas elevadas percentagens de proximidade afetiva verificam-se nos países do Sul da Europa, o que revela a ancoragem social e cultural dos Estados-Providência *familistas* na força dos laços entre a família e os jovens destes países.

Características e fatores de desigualdade nas relações pessoais dos jovens em Espanha e Portugal
O artigo utilizou dados do Inquérito Social Europeu obtidos na sua décima ronda, entre setembro de 2020 e maio de 2022, para analisar comparativamente a sociabilidade dos jovens entre os 18 e os 34 anos em Espanha e Portugal, o seu nível de isolamento social e os fatores de desigualdade que afetam os diferentes valores observados. Os países analisados são os da UE-27, com exceção da Dinamarca, Luxemburgo, Malta e Roménia. Os dados obtidos mostram valores de sociabilidade semelhantes entre Espanha e Portugal, embora Portugal esteja à frente de Espanha em relação à frequência de interação, enquanto em Espanha a dimensão das redes pessoais é maior do que em Portugal. Em relação à frequência do contacto com os pais em Espanha e em Portugal, esta é superior à média do conjunto da União Europeia, tanto entre os jovens emancipados

Gráfico 5
Proporção de jovens em Espanha e Portugal e no conjunto da União Europeia em situação de isolamento social, segundo os fatores de desigualdade, 2020

● Espanha e Portugal ● UE-27
Fonte: elaboração própria com base no Inquérito Social Europeu de 2020.



O lugar de nascimento, a situação económica e o trabalho condicionam o isolamento social

Quais são os fatores que mais contribuem para o isolamento social dos jovens?

Em Espanha e Portugal, **9,1% e 10,9%, respetivamente, da população jovem apresenta um certo grau de isolamento social**, declarando que se encontram com amigos, familiares ou colegas de trabalho uma vez por mês ou menos no seu tempo livre. Esta percentagem é ligeiramente mais elevada no conjunto da União Europeia, com 12,4% da população jovem. No entanto, dentro deste grupo, também se registam desigualdades.

Se considerarmos a população jovem de Espanha e Portugal no seu conjunto, verifica-se que os **homens se isolam mais do que as mulheres**, ao contrário do que acontece na União Europeia no seu conjunto. O local de nascimento também influencia o nível de isolamento social. Em Espanha e Portugal, a percentagem de jovens nascidos fora do país de residência que apresentam isolamento é superior à dos jovens nascidos no país de residência. A percentagem para esta categoria é a única que apresenta valores mais elevados em Espanha e Portugal do que a média da União Europeia. Por outro lado, a percentagem de pessoas nascidas no país e que apresentam isolamento é inferior à média da União Europeia.

Adicionalmente, os dados mostram que quanto mais baixo é o **estatuto profissional dos pais** e quanto maior é a **vulnerabilidade económica do agregado familiar**, maior é a percentagem de jovens que apresentam isolamento. Na União Europeia, este impacto é semelhante ao verificado em Espanha e Portugal, mas com valores mais elevados.

O desemprego é a situação laboral em que os jovens revelam maior isolamento social, com percentagens semelhantes para ambos os países e para a União Europeia no seu conjunto. Entre os jovens desempregados, os que viveram em situação de desemprego de longa duração são os que mais apresentam isolamento. Em contrapartida, aqueles que nunca estiveram desempregados são os menos isolados, confirmando a **associação entre desemprego e redução da sociabilidade**. Mais uma vez, a percentagem de jovens que apresentam isolamento nestas situações é mais elevada no conjunto da União Europeia do que em Espanha e Portugal.

como para o conjunto do grupo, embora os valores de Espanha sejam superiores aos de Portugal. A proximidade emocional dos jovens em relação aos pais é também maior nos países mediterrânicos, com Espanha a liderar a tabela. Estes dados confirmam o importante papel da rede familiar na sociabilidade dos jovens em Espanha e em Portugal.

Uma análise dos fatores relacionados com o isolamento social dos jovens mostra que é mais frequente entre os jovens de origem estrangeira (normalmente com redes pessoais mais frágeis), entre os jovens com maior vulnerabilidade económica e entre os jovens desempregados. Estes

fatores de desigualdade que conduzem a um maior isolamento dos jovens são os mesmos em Espanha e Portugal que nos restantes países da União Europeia. No entanto, o seu efeito negativo é sempre mais atenuado em Espanha e Portugal (exceto no caso dos jovens de origem estrangeira). Na ausência de uma análise mais aprofundada, poder-se-ia inferir que os valores mais baixos de isolamento nos dois países ibéricos resultam de uma maior sociabilidade e da importância da família nas relações pessoais em ambos os países. De qualquer modo, o facto de estes fatores com impacto negativo na sociabilidade produzirem percentagens

comparativamente mais baixas de isolamento social não nos deve fazer esquecer que o modelo *familista* de provisão de recursos em Espanha e Portugal leva os jovens a serem mais dependentes do apoio familiar. Isto significa que não podem contar com outras fontes alternativas de apoio material e emocional, acabando por se encontrar numa situação de maior vulnerabilidade, em comparação com os jovens de outros países europeus onde existem fontes alternativas ou complementares de carácter mais formalizado.

A maior dependência do ambiente familiar deve ser compensada pelo desenvolvimento de ações que permitam aos jovens — em particular aos que correm maior risco de isolamento

|
*O isolamento social é
condicionado pelo local
de nascimento,
pelas condições económicas
e pela situação laboral*
|

social — melhorar o seu nível de sociabilidade e aumentar as suas redes pessoais. Estas ações podem incluir a promoção de espaços destinados aos jovens, onde estes possam interagir entre si (por exemplo, colocando à sua disposição espaços públicos), a promoção do associativismo e da participação juvenil, ou o desenvolvimento de serviços de apoio, orientação, mentoria e dinamização de natureza coletiva. Seria também aconselhável que os jovens, bem como as pessoas que trabalham com este grupo (incluindo professores, animadores, profissionais de orientação educativa e profissional), tomassem consciência da importância das redes pessoais para além da família como fonte de recursos, tanto do ponto de vista do apoio emocional como em qualquer outro sentido (apoio material, acesso ao mercado de trabalho, etc.).

Referências

- Aboim, S., P. Vasconcelos & K. Wall (2013): "Support, social networks and the family in Portugal: two decades of research". *International Review of Sociology*, 23(1).
- Cotterell, J. (2007): *Social Networks in Youth and Adolescence*. Routledge.
- Holland, J. (2009): "Young people and social capital. Uses and abuses?" *Young*, 17(4).
- Keller, Th. E., M. Perry & R. Spencer (2020): "Reducing social isolation through formal youth mentoring: Opportunities and potential pitfalls". *Clinical Social Work Journal*, 48.
- Mansfield, L., N. Daykin, C. Meads, A. Tomlinson, K. Gray, J. Lane, & C. Victor (2019): *A conceptual review of loneliness across the adult life course (16+ years): Synthesis of qualitative studies*. Londres: What Works Wellbeing.



Entrevista a Robert Pogue Harrison

Professor de Humanísticas na a Universidade de Standford
e autor de *Juvenescence: A Cultural History of Our Age*

«*Pela primeira vez vivemos numa cultura em que os jovens são aqueles que educam os seus avós de muitas maneiras*»



Há alguns anos que estuda o conceito de juventude a partir da filosofia e dos estudos culturais. Como definiria este conceito?

Podemos dizer que existem dois tipos de juventude: a biológica e a cultural. Todos os animais passam por um período de desenvolvimento biológico, mas no caso dos humanos, os factores sociais, culturais e económicos desempenham um papel extremamente importante. O que chamamos de juventude no século XXI tem muito pouco a ver com o que era a juventude na Idade Média ou na Antiguidade, embora a nossa biologia seja praticamente a mesma.

A tese do meu livro *Juvenescence* aborda como a evolução cultural nos tornou numa espécie cada vez mais jovem, sendo que uma pessoa de 30 anos dos nossos dias, por exemplo, tem muito pouca semelhança com uma pessoa de 30 anos do século XIX. Em 1842 o grande escritor realista Honoré de Balzac publicou *La femme de trente ans*, no qual argumentava (contra o bom senso da época) que uma mulher daquela idade

ainda poderia sentir-se jovem. Desde então as coisas mudaram muito e hoje o período de formação cultural estende-se a ponto de o conceito de juventude ser mais fluido.

Como tantas outras categorias, a juventude tornou-se fluida... Zygmunt Bauman propôs o termo *modernidade líquida* para explicar como as facetas da vida contemporânea estão sujeitos a mudanças constantes e como este facto requer flexibilidade e adaptação. A incerteza e a maleabilidade combinam bem com a ideia de prolongar a juventude, o que tecnicamente poderia ser considerado um mecanismo evolutivo chamado *neotenia*, certo?

Efetivamente, a neotenia é um mecanismo graças ao qual a espécie humana consegue reter (*tenia*) algumas das características da infância (*neo*) à medida que vai crescendo. Por outras palavras, de alguma forma é diferente da maturidade, e como tal permite desenvolver-se melhor e aprender mais. Isto também faz com que mantenhamos características

jovens nos estados adultos de desenvolvimento como a curiosidade, a vontade de brincar, a plasticidade, ou, resumindo, a inclinação para a aventura. Uma certa ingenuidade, também. Como adultos, somos mais parecidos com macacos jovens do que com macacos velhos.

Poder-se-ia então dizer que a neotenia é uma das principais explicações para o desenvolvimento da inteligência humana?

Exatamente. Nascemos como seres inacabados e temos de terminar de “cozinhar” fora do ventre materno. É por isso que as crianças humanas são completamente dependentes durante anos. Comparados a outros animais, nascemos prematuramente. Este facto, esta dependência infantil dos adultos, penetra tão profundamente na nossa psicologia que, mesmo quando crescemos, a criança que carregamos dentro de alguma forma continua a procurar, directa ou indirectamente, a referência dos pais.

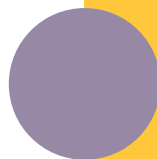
Acha que este infantilismo é mais pronunciado entre os jovens adultos de hoje? Quando se poderia dizer que começa este prolongamento da juventude neoténica?

É parte intrínseca do desenvolvimento da espécie humana, mas nos últimos 150 anos houve uma revolução neste sentido. Em 1904 foi publicado um livro com o título *Adolescence*, de Granville Stanley Hall, no qual se falava de um período de conflito e crise existencial durante a juventude, que tinha surgido devido a duas mudanças fundamentais: a abolição do trabalho infantil e a educação universal. Com o progresso social provocado pela Revolução Industrial, surgiu repentinamente esta fase entre a infância e a maturidade, que desde então se foi estendendo, até formar uma idade adulta emergente, entre os 20 e os 30 anos, durante a qual se pressupõe que cada pessoa pode tentar e experimentar a vida, antes de se estabelecer e tomar decisões mais sérias.

No mundo de hoje não há muita pressão para ser “plenamente” adulto até aos 30 anos, e isso parece ainda

ir mais além: aos 35, aos 40, etc. O mesmo acontece para a idade universitária: as pessoas estudam até muito tarde.

Isso não é de forma alguma um problema. Estudar, aprender, é por si só muito positivo. Ítalo Calvino refere que Sócrates, antes de morrer, estava a aprender a tocar uma música na flauta. Quando questionado por que estava a aprender a tocar uma música se lhe restavam apenas algumas horas de vida antes de tomar cicuta, Sócrates respondeu que o conhecimento é um fim em si mesmo, que conhecer é como respirar. A educação visa tornar o aluno centenas, até milhares, de anos mais velho porque expande as suas capacidades intelectuais e aprofunda a sua cultura. Este é o paradoxo neoténico da



Robert Pogue Harrison (Esmirna, 1954) é professor de Estudos Culturais na Universidade de Stanford e Director do Departamento de Francês e Italiano. Conhece profundamente a obra de Dante, à qual vai dedicar a sua tese de doutoramento na Universidade de Cornell. A ideia de juventude é uma das suas obsessões intelectuais e permeia toda a sua obra. Compilou essas reflexões no livro, *Juvenescence* (2014), no qual faz uma viagem filosófica por toda a tradição ocidental em busca de perenidade. O seu programa *Entitled Opinions* é um clássico das humanísticas nos Estados Unidos e por ele já passaram autores como Richard Rorty, René Girard, Michel Serres, Orhan Pamuk ou Hans Ulrich Gumbrecht.

educação: ela torna-nos mais jovens ao tornar-nos mais velhos. Muitas vezes, esta aprendizagem é adquirida graças à *conversa com os mortos*, à leitura dos livros dos autores que nos precederam, incorporando-nos assim no retábulo infinito da experiência humana.

Vive em Silicon Valley - uma das regiões tecnologicamente mais avançadas do mundo – e onde os problemas de isolamento e solidão entre os jovens são bastante graves. O que está por trás desta situação?

Aqui aparece novamente a ambiguidade do conceito de juventude. Existe uma realidade de “ser jovem” e um mito. Este mito, especialmente em Silicon Valley, tem levado muitos milionários a embarcarem numa busca absurda pela fonte da juventude, como se existisse uma poção mágica para permanecessem jovens. A juventude é vista como o melhor momento da vida, o mais feliz e dinâmico, enérgico, vital... uma espécie de terra prometida ou paraíso perdido. Acredita-se que se a juventude puder ser mantida, a felicidade será mantida. Mas embora vivamos numa sociedade obcecada pela juventude, muitos factores sociais atuam contra a juventude, criando uma atmosfera deprimente entre os adolescentes.

Mas qual é a origem dos problemas de saúde mental nos jovens? Há estudos que apontam para um uso inadequado de novas tecnologias, principalmente de aplicativos como Instagram, TikTok, Snapchat, etc.

A ironia das relações através das redes sociais é que estas frequentemente conduzem ao isolamento e, pior ainda, ao afastamento da natureza, a qual sempre fez parte da vivência dos jovens. A desconexão do mundo físico causada pelos ecrãs impossibilita o êxtase gerado pelo contato com a natureza e o reino animal. A digitalização da realidade provoca uma certa alienação, pois infelizmente o capitalismo tem uma enorme capacidade de subutilizar os cidadãos transformando-os em meros consumidores. O mesmo capitalismo

que promove as redes sociais conduz a uma atomização crescente que destrói o espírito dos jovens. Não há nada mais corrosivo para a experiência humana do que viver agarrado ao telemóvel. É como retirar uma dimensão da existência: do 3D da realidade para o 2D do ecrã. Aplica-se o mesmo à capacidade narrativa: porque tudo tem de ser instantâneo e de curta duração, perde-se a capacidade de estabelecer ligações através de histórias elaboradas e substanciais, narrativas que exigem paciência e atenção prolongada. Alguns críticos da tecnologia e do capitalismo como Douglas Rushkoff, Jaron Lanier ou Byung-Chul Han destacam este colapso narrativo, apontando-o como um dos grandes problemas sociais do nosso tempo.

A educação visa tornar o aluno centenas, até milhares, de anos mais velho porque expande as suas capacidades intelectuais e aprofunda a sua cultura

Tudo parece conspirar contra a permanente descoberta do mundo que deveria definir o ser jovem. Há um certo desencanto, no sentido de que a sociedade ocidental está mais secularizada, técnica e burocratizada do que nunca. Acha que esse desencanto também afeta as novas gerações no que diz respeito ao amor? Considera, como Bauman, que o amor também se tornou líquido?

Bem, no geral percebo que existe um abismo geracional entre a forma como as pessoas da minha idade percebem o amor, e como os meus alunos o percebem, por exemplo. Atualmente, as aplicações de encontros têm uma grande influência na formação de relacionamentos amorosos, mas essas aplicações

têm uma dimensão muito sombria. A ideia de que existe um sistema onde se tem acesso a todo o mercado de potenciais parceiros românticos e sexuais de uma só vez, com apenas um toque de um dedo, parece-me brutal, no sentido em que basicamente favorece as mulheres e os homens mais atraentes. É como uma regressão a um estado de seleção natural semelhante ao dos macacos, onde muitas pessoas nunca se conhecerão, nem serão capazes de perceber que estão na mesma frequência intelectual ou emocional das pessoas com quem se relacionam na comunidade. Selecionar alguém através de uma foto numa aplicação parece-me uma forma muito primitiva de encontrar a pessoa com quem se deseja passar a vida e uma degradação da experiência amorosa.

A ironia das relações através das redes sociais é que estas frequentemente conduzem ao isolamento e ao afastamento da natureza, a qual sempre fez parte da vivência dos jovens

Contudo é importante salientar que é assim que a maioria dos casais se forma hoje em dia, pelo menos em alguns países, e que as aplicações de encontros também permitem ter um tipo de experiência única e estimulante. Talvez o que existe atualmente seja uma certa incongruência entre o que se espera dos jovens e o que eles podem ou querem fazer?

Hoje em dia, é impossível ser jovem e não se sentir inadequado. Dou aulas há 40 anos e nunca vi jovens tão deprimidos. Na última aula que dei sobre niilismo tive de limitar o número de alunos porque eram muitos... há uns anos dei a mesma aula e não éramos nem 10. Este

grande interesse pelo niilismo parece-me muito sintomático da dormência em que muitos estudantes vivem e de como isso se normalizou. Para muitos, esse estado letárgico é algo geracional, e eu diria até que esse tipo de abulia serve para eles se conectarem entre si. Talvez seja também por isso que há um interesse renovado em Nietzsche e na sua exaltação da vontade de poder e do individualismo como remédio para o niilismo, mas é preciso ter cuidado sobre como a sua leitura pode afetar os jovens com tendências mais conservadoras, narcisistas, ou hedonistas – que não é de ignorar.

Suponho que haja sempre motivos para pessimismo, mas a possibilidade que muitos jovens tiveram de prolongar a sua formação através de bolsas de estudo, viagens ou estudos é maravilhosa. O risco está em não encontrar o momento de parar e acabar como o axolote de Cortázar, um animal que decide nunca amadurecer e permanecer em estado semilarval e não reprodutivo pelo resto da vida. O mundo está cada vez mais cheio de Peter Pans?

É possível. Todos os sapos começam a vida como girinos, mas nem todos os girinos se tornam sapos. Neste momento somos uma espécie de girinos de uma nova forma de humanidade. Acho que apesar do niilismo e da letargia, ser jovem na Geração Y (millennial) ou Z é uma benção, no sentido de que nunca se desfrutou de tantos privilégios e liberdade. Mas a sabedoria popular diz que com a liberdade (e o poder) também vem a responsabilidade. Os jovens que conseguiram prolongar a juventude, e que de alguma forma ampliaram essa neotenia de que falávamos, também têm a responsabilidade de manter e propiciar essas mesmas condições para as próximas gerações contribuindo para a criação de um mundo melhor, com menos perdas e vazios. Claro que para isso é necessário o compromisso com a sociedade e com o próximo – gerar um sentido partilhado com a comunidade que nos rodeia. Como diria Kierkegaard,

é preciso passar do estágio estético (prazer) para o estágio ético (compromisso) da vida e é por isso que mais cedo ou mais tarde é preciso amadurecer.

Tudo isto tem muito a ver com a reprodução, com o facto de retransmitir o que foi recebido e transferir uma cultura, valores e, em última análise, um modo de vida, para quem nos sucede. Por fim, como vê a relação entre mães e filhas, pais e filhos, hoje em dia? De uma perspectiva sociológica, de que forma é que isto mudou?

Uma das teses sociológicas do meu livro *Juvenescence* é que depois da Segunda Guerra Mundial, a geração *baby boom* trouxe uma grande explosão de juventude, um momento neoténico. Esta onda expansiva de *boomers* do pós-guerra espalhou-se pelas gerações subsequentes, mas, de certa forma, os *boomers* mantiveram algumas características juvenis, tais como impulsos revolucionários ou desconfiança na autoridade. Isto, por sua vez, fez com que tivessem menos autoridade sobre os seus descendentes e até tentassem ser seus amigos, embora não tenha sido essa a sua vivência...

Os jovens que conseguiram prolongar a juventude também têm a responsabilidade de manter e propiciar essas mesmas condições para as próximas gerações

Dá talvez a expressão *OK Boomer*, que tanto se tornou moda em 2019 e que representa uma significativa falta de comunicação sobre questões como as alterações climáticas, o uso da tecnologia ou ideais importantes. As gerações Y e Z podem por vezes sentir-se lúcidas num mundo de loucos, porque a geração *boomer* muitas vezes menospreza as suas novas ideias a

partir de posições de poder. O caso de Greta Thunberg é paradigmático, mas há muitos outros. Além disso, pode ser desmotivador ver como a falta de confiança depositada nos jovens é muitas vezes acompanhada de um escrutínio e de uma suspeita excessivos. Acho que a desconfiança é mútua... e até certo ponto natural. Finalmente, quais são as causas desta falta de comunicação e que consequências daí podem advir?

No artigo “The social separation of old and young: A root of ageism” [A separação social entre velhos e jovens: uma raiz do idadismo] publicado em 2005, os sociólogos Gunhild O. Hagestad e Peter Uhlenberg discutem como a segregação etária (idadismo) se tornou institucionalizada fazendo com que os idosos perdessem seu papel como mentores, deixando as famílias sem integração social ou transmissão de conhecimentos e valores de uma geração para outra. Pela primeira vez vivemos numa cultura em grande parte prefigurativa, como diria Margaret Mead, em que os jovens não só aprendem pouco com os velhos, mas, inversamente, são aqueles que educam os seus avós de muitas maneiras. Estes abismos geracionais provocam não só a segregação social entre gerações, mas também dentro das gerações mais recentes, o que dificulta a criação de um estado de espírito que sintonize grupos de jovens na mesma frequência. Isto cria uma sensação de mudança permanente, e quanto mais rápido o mundo muda, menos em casa se sentem aqueles que o habitam. Juntos, devemos criar um ambiente onde todos nos sintamos confortáveis e o espírito do nosso tempo exige uma visão a longo prazo. Cabe aos jovens, que têm um longo caminho a percorrer, agir.

Pau Guinart

Escritor e professor (ESADE / UOC)
Membro da comunidade de bolsiros
“la Caixa”

A natureza como espelho e professora no diário de um jovem ativista

Cecilia Duran,
analista de desenvolvimento, licenciada
em Ciências Políticas e História da Arte
pela Universidade de Michigan.

O dia 21 de março marca o início da primavera, com o orvalho nas folhas e o pisco-de-peito-ruivo a anunciar a chegada das primeiras primulas. Este dia abre também o *Diário de um jovem naturalista*, de Dara McAnulty. A partir do verde luxuriante da Irlanda do Norte e da perspectiva de um jovem com autismo, o leitor acompanha o decurso de um ano através de crônicas que contam a realidade de viver com uma extrema afinidade pela natureza num mundo que a negligencia cada vez mais.

Dara McAnulty é uma das cinco pessoas de uma família em que o seu pai é o único familiar sem autismo. Isto é importante para quem está a ler, pois está prestes a entrar num livro escrito a partir de uma perspectiva única. “O que coloco nestas páginas reflete a minha ligação à vida silvestre, tenta explicar a forma como vejo o mundo e descreve a forma como enfrentamos as tempestades enquanto família”. Com o coração nas mãos e em alta voz, McAnulty convida-nos a ver o mundo através dos olhos de um rapaz de catorze anos incrivelmente empenhado na conservação e na natureza.

Aquando da redação do livro, o jovem está em processo de mudança de casa, do condado de Fermanagh para uma nova vida no condado de Down, do outro lado da Irlanda do Norte. Esta mudança, juntamente com a que é inerente à adolescência e a que vem com o curso natural das quatro estações, tece as histórias do jovem autor. O seu nome significa “carvalho” em irlandês e a sua força acompanha o leitor numa viagem que inclui uma série de emoções diferentes, desde a ternura,



admiração e empatia, à coragem, melancolia e desamparo. Em cada palavra, o autor mostra-nos que a natureza é um farol num mar cada vez mais desafiante para as gerações vindouras.

O livro é uma compilação do decurso de um ano, sob a forma de fragmentos diários em que o autor leva o leitor ao mais íntimo e sincero dos seus pensamentos. O conteúdo baseia-se em três pilares. O principal é a natureza e a biodiversidade, e os encontros do jovem com momentos de admiração, confusão e, muitas vezes, indignação e preocupação. Através de descrições pormenorizadas, o autor faz da natureza um personagem central e dinâmico. Para ele, o ambiente não é apenas o que

o rodeia, mas uma parte integrante da sua identidade e do seu bem-estar emocional. Em vários casos, torna-se mesmo o meio pelo qual ele se liga aos outros e ganha um sentimento de pertença. Nele, McAnulty encontra inspiração e objetivo, e transforma as suas reflexões em ativismo pela proteção do ambiente.

Outro tema principal é a juventude e a nossa identidade face ao mundo que nos rodeia, e a forma como são inseparáveis. McAnulty começa a ver a sua ligação à natureza como um autoconceito e sente a responsabilidade de usar a sua idade não como uma limitação, mas como uma força motriz para envolver mais os jovens no abrandamento das alterações climáticas. Através dos seus textos, bem como da sua participação ocasional em conferências sobre ambientalismo e ativismo climático, McAnulty consegue interagir diretamente com um público jovem que se identifica com ele e com a sua luta, e que pode vir a considerá-lo um modelo a seguir.

Por fim, o livro centra-se num período crucial da vida do autor: o nexa entre a infância e a maturidade. Assim, para além das mudanças físicas e emocionais que a idade traz, *Diário de um jovem naturalista* é um testemunho de crescimento pessoal que, através de reflexões íntimas e descrições poéticas, consegue traçar um retrato franco das experiências do autor. O leitor pode observar como a sua forma de narrar os acontecimentos amadurece através de recursos literários como analogias e metáforas invulgares para a sua idade.

Por todas estas razões, apesar de pertencer ao género dos diários, se olharmos para o tema e o foco da narrativa, este livro aproxima-se da literatura ambiental, também conhecida como *naturalismo* e *transcendentalismo*. Estes dois movimentos informam o livro na forma como a história do jovem autor é vivida através da sua relação com a natureza. As observações acutilantes sobre o mundo natural e as suas descrições detalhadas da vida selvagem estão de acordo com o espírito do naturalismo, refletindo mesmo a curiosidade científica e a atenção ao pormenor características de escritores naturalistas como John Muir e Henry David Thoreau.

Por outro lado, a escrita de McAnulty também contém uma crença transcendentalista na interconexão de todos os seres vivos e na importância das experiências individuais

de cada pessoa com a natureza. A natureza muda a um ritmo semelhante ao dos seres humanos, embora em ritmos sazonais e nos seus próprios termos de circularidade. São inúmeras as semelhanças entre a flora e a passagem do tempo na pele da mulher, entre a fauna e os instintos do homem e vice-versa. No entanto, nós nascemos e morremos uma vez, enquanto a natureza o faz a cada 365

McAnulty consegue colocar o leitor num mundo quase palpável, através de descrições que envolvem os cinco sentidos, e chama a atenção do leitor não só para o presente, mas também para o passado de cada um

A nossa relação com o ambiente que nos rodeia é inquebrável e inseparável e, por isso, temos de melhorar a forma como interagimos com ele

dias. Temos uma vida e a forma como vivemos pode afetar o desenvolvimento vital da biodiversidade que, quase automaticamente, afeta o desenvolvimento da nossa própria vida. Nas palavras de McAnulty: “Não sou como estas aves, mas também não sou estranho a elas”. A nossa relação com o ambiente que nos rodeia é inquebrável e inseparável e, por isso, temos de melhorar a forma como interagimos com ele enquanto humanidade.

“Estou sempre a visualizar o tempo como o comprimento de uma corda, com uma chama acesa numa das extremidades, representando o presente, onde podemos agir e estar mais vivos. As cinzas são o passado, a corda intacta é o futuro. A corda parte-se sempre que algo acontece”. Através de metáforas destacadas como esta, McAnulty encarna esse apelo à mudança e dirige-se, sobretudo, aos jovens e às pessoas que terão maior influência na prevenção da queda para

um mundo inabitável. Por outras palavras, são os jovens que têm o poder de impedir que a corda se parta.

A autenticidade da voz de McAnulty é a maior força deste livro. Um tom ainda jovem carrega o peso da preocupação com o futuro do nosso mundo e, admiravelmente, transforma a descrição de algo banal num ato transcendental. Nas suas próprias palavras: “Tenho o coração de um naturalista, a mente de um aspirante a cientista e os ossos de alguém que está cansado da apatia e da destruição infligidas ao mundo natural”. McAnulty consegue colocar o leitor num mundo quase palpável, através de descrições que envolvem os cinco sentidos, e chama a atenção do leitor não só para o presente, mas também para o passado. Não podemos deixar de recordar a inocência de quando éra-

|
*A autenticidade da voz de
McAnulty é a maior força deste
livro. Um tom ainda jovem
carrega o peso da preocupação
com o futuro do nosso mundo*

|
*McAnulty consegue interagir
diretamente com um público jovem
que se identifica com ele e com a sua
luta, e que pode vir a considerá-lo
um modelo a seguir*

|
mos jovens e a nossa profunda admiração por algo tão simples como o voo de uma borboleta ou a cor das folhas em outubro.

Apesar da maturidade do autor para a sua idade, é verdade que há uma tendência para abordar superficialmente questões complexas. Quando descreve a desflorestação, fá-lo com inegável paixão, mas a sua voz centra-se mais na melancolia e na perda emocional do que nas causas sistémicas e nas soluções práticas. Trata-se de um ativismo que apela

à emoção mais do que à ação. ação baseada na raiz do problema. Na mesma linha, ao mencionar a perda de biodiversidade, o seu argumento é esbatido pelo impacto estético da paisagem e pelo que essa perda significa visualmente e perde a oportunidade de protestar contra políticas governamentais e práticas empresariais insustentáveis, ou contra a falta de consciencialização pública que resulta neste problema global.

O carácter de diário do próprio livro estabelece o tom narrativo como uma reflexão pessoal. Por outro lado, estas são as descrições de alguém que, devido às suas circunstâncias, tem uma sensibilidade extremamente aguda aos estímulos sensoriais. Narra um dos momentos de angústia da seguinte forma: “As cores brilhantes causam uma espécie de dor, um ataque físico aos sentidos. A sua narrativa se debruça frequentemente sobre a forma como o que se passa à sua volta o faz sentir, e como o seu estado de espírito e modo de vida são alterados por tudo isto.

No seu apelo emocional, McAnulty consegue fazer com que aqueles que leem as suas notas não fiquem indiferentes e sintam a necessidade de observar — e respeitar — a natureza um pouco mais do que antes. Para ele, a natureza é simultaneamente espelho e professora: “Estou rodeado por cinco ou seis cogumelos *Amanita muscaria*. Tal como eles, explodi. Sinto-me mais resistente, mais poderoso. [...] É meu dever, o dever de todos nós, apoiar e proteger a natureza. O nosso sistema de vida, a nossa interconexão, a nossa interdependência”.

Em suma, *Diário de um jovem naturalista* é um testemunho da capacidade para manter uma profunda cumplicidade com a natureza. Através de relatos quotidianos, pessoais e sinceros, McAnulty deixa claro que a voz de todos é necessária para provocar a mudança, e que é uma luta coletiva, capacitada e universal para evitar que o mundo se transforme naquilo que mais tememos. Seguindo as estações da vida do autor, sentimo-nos inclinados à autointrospecção, a observar como o ambiente reflete, e por vezes contradiz, as nossas emoções e experiências. Ao terminar o livro, sentimos uma vontade de tentar viver de uma forma mais intencional e consciente, reverenciando cada momento de mudança como um momento único na vida.

Work4Progress da Fundação "la Caixa"

Com o objectivo de gerar emprego de qualidade para mulheres e jovens vulneráveis na Índia, Moçambique, Peru e Colômbia, o programa W4P pretende ir além do apoio a projectos isolados e promover plataformas de inovação social para a experimentação e mudança sistémica.

Segundo o Banco Mundial, esta é a geração na história da humanidade com mais jovens. No entanto, um em cada quatro não consegue encontrar um emprego que pague mais de 1,25 dólares por dia, valor ao nível do limiar internacional de pobreza extrema. Além disso, a Organização Internacional do Trabalho refere que dois em cada cinco jovens estão desempregados. Este problema é ainda mais grave no caso das mulheres, cuja probabilidade de encontrar um emprego chega a ser 27% inferior à dos homens.

Por este motivo, e de acordo com a agenda 2030, o programa Work4Progress (W4P) lançado em 2017 pela Fundação "la Caixa" centra a sua ação nas mulheres e jovens em situação de vulnerabilidade na Índia, Moçambique, Peru e Colômbia. O programa tem como objetivo promover a inovação e o emprego de qualidade para estes grupos, com especial ênfase na inovação tecnológica sustentável e nos empregos verdes nas zonas rurais.

O Work4Progress pretende ir além do apoio a projetos isolados, promovendo plataformas de inovação social para a ação e aprendizagem coletiva onde se possam escalar soluções inovadoras, muito particularmente atividades económicas inclusivas que gerem emprego para mulheres e jovens. Atualmente, conta com a participação de uma rede de 50 organizações parceiras (da sociedade civil, do meio académico e dos setores público e privado), tanto em Espanha como nos países em que opera.

Desde a sua criação, o W4P abrange estratégias de inovação em todas as suas componentes. Para o efeito, promove novas ferramentas para escutar e identificar as necessidades das comunidades; para cocriação e prototipagem em conjunto com parceiros e beneficiários; e para a expansão de iniciativas mais eficazes de inovação tecnológica e de criação de emprego.

Até à data, o programa chegou a mais de 140.000 pessoas. Destas, mais de 60% são mulheres e mais de 46% são jovens, definindo e testando 166 protótipos de atividades empresariais, serviços e inovações tecnológicas que permitiram o lançamento de mais de 19.000 empresas inclusivas e a criação de mais de 40.000 novos empregos.

O programa procura ativamente criar oportunidades para os jovens nas zonas rurais. A fase de auscultação demonstrou — em todos os países onde o W4P tem sido implementado — que os jovens aspiram a um emprego que não seja o trabalho no campo.

Para responder a esta necessidade, no âmbito do W4P foram criadas iniciativas especialmente orientadas a esta população jovem, tais como centros de desenvolvimento empresarial para formar, incubar e acompanhar o empreendedorismo juvenil; bancos de emprego para a contratação de jovens em empresas locais; formação profissional e estágios em empresas locais; linhas de crédito especialmente dirigidas aos jovens; assim como uma rede de quiosques de

apoio a empreendedores liderados por jovens, entre outros. Tudo isto permitiu a criação de mais de 18.000 postos de trabalho para jovens.

Uma avaliação piloto do impacto do programa W4P no Peru, realizada pelo Instituto Grade, revelou uma mudança positiva nas narrativas dos jovens: 43% acreditam que há mais oportunidades económicas na sua comunidade (em comparação com 19% nas comunidades onde o programa não foi implementado).

O programa Work4Progress foi concebido com uma metodologia *Think and Do Tank*, segundo a qual as organizações afiliadas fazem experiências no terreno e, através de uma avaliação evolutiva e da colaboração de um conselho consultivo externo, este conhecimento é captado e partilhado com centros internacionais de pensamento e ação. Por conseguinte, além do trabalho no terreno promove espaços de desenvolvimento de conhecimento como eventos, publicações e o W4P Virtual Lab — espaço online que congrega todas as organizações envolvidas.

A Fundação "la Caixa" promove alianças com outras organizações doadoras para incorporar mais fundos no programa com o objetivo final de conseguir um maior impacto. Exemplos disso são as alianças com a SBI Foundation na Índia e com a Fundación Grupo Social na Colômbia. O programa W4P conseguiu desde 2017 incrementar 40% em fundos de cofinanciamento aos fundos fornecidos pela Fundação "la Caixa".

Atualmente, está a trabalhar numa estratégia de investimento de impacto com o objetivo de desenvolver instrumentos de financiamento inovadores, para além dos fundos não reembolsáveis e em colaboração com os intervenientes locais. O objetivo é aumentar e acelerar as iniciativas económicas e de criação de empregos, especialmente empresas inclusivas para mulheres e jovens, que demonstrem significativo potencial de impacto e sustentabilidade.

Reconocimientos

Até à data, o programa já recebeu várias distinções, como a apresentação no **Fórum da Paz de Paris 2023** e na **Impact Week** organizada pela European Venture Philanthropy Association (Turim, 2023). Foi também avaliado positivamente no **Relatório de Inovação da Cotec** (2020) e em 2022 no *Taking the pulse of the European Foundation Sector* do ESADE Center for Social Impact. Por sua vez, o W4P India venceu o prémio **Development Catalysts 2022** pelo seu impacto sistémico.

No passado, o W4P recebeu o prémio **SDG Boas Práticas** em 2021 e o Prémio Cooperação Energética da Iberdrola (2019); o **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento** adotou-o como uma boa prática (2019) e o Banco Mundial incluiu-o no programa "**Soluções para o Emprego de Jovens**" (2019). Estes exemplos ilustram os benefícios que o programa produziu em vários contextos e sob várias perspetivas.



Fundação "la Caixa"